

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTA
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

MARIANA MEDEIROS AMARAL

**A TERCEIRA JORNADA DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS
MULHERES : Uma Análise do Filme *O Diabo Veste Prada***

Recife

2025

MARIANA MEDEIROS AMARAL

**A TERCEIRA JORNADA DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS
MULHERES : Uma Análise do Filme *O Diabo Veste Prada***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Damas da Instrução Cristã, como requisito parcial para obtenção ao título de Bacharel em Administração, sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Neves de Moura.

**Recife
2025**

Catalogação na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

Amaral, Mariana Medeiros.

A485t A terceira jornada de trabalho e seus impactos na vida das mulheres: uma análise do filme O Diabo Veste Prada / Mariana Medeiros Amaral. - Recife, 2025.

50 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Neves de Moura.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia - Administração) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Terceira jornada. 2. Mulheres no trabalho. 3. Desigualdade de gênero. 4. O Diabo veste Prada. I. Moura, Ana Lúcia Neves de. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

658 CDU (22. ed.)

FADIC(2025.1- 007)

MARIANA MEDEIROS AMARAL

**A TERCEIRA JORNADA DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS
MULHERES : Uma Análise do Filme *O Diabo Veste Prada***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade Damas da Instrução Cristã, como
requisito parcial para obtenção ao título de
Bacharel em Administração

Defesa Pública em Recife, 11 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Neves de Moura

Professora Convidada: Profa. Ma. Andréa Karla Travassos de Lima

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio e à colaboração de muitas pessoas que estiveram ao meu lado ao longo da trajetória acadêmica.

Agradeço, de maneira especial, à minha orientadora, Prof^a Ana Lúcia Neves de Moura, pela orientação atenta, disponibilidade, paciência e pelas contribuições valiosas ao longo de todo o curso.

Estendo meus agradecimentos à Faculdade Damas – Instituição Cristã (FADIC), que, durante seu período de funcionamento, proporcionou uma infraestrutura essencial para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Aos professores do curso, expresso minha gratidão pelas ricas trocas de saberes, pelos diálogos instigantes e pelo compromisso com a formação de seus alunos.

À minha família, minha base e alicerç, deixo um agradecimento profundo: ao meu pai, Ricardo Amaral, por sempre me incentivar a seguir em frente e acreditar no meu potencial; à minha avó, Ana Farias, por todo o amor, cuidado e por ter me proporcionado o melhor ao longo da vida; e ao meu namorado, Rafael Cavalcanti, por sua presença constante, apoio emocional e companheirismo, especialmente nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Não poderia deixar de mencionar minha fiel companheira de quatro patas, Luna, que esteve ao meu lado durante as noites de aulas remotas, nas madrugadas de estudo e escrita, e me recebia com alegria após os dias de aula presencial. Sua presença silenciosa foi um verdadeiro afago em meio à correria e ao cansaço.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho. Cada gesto, palavra ou apoio fez diferença nesta caminhada.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar os impactos da terceira jornada de trabalho na saúde física e emocional das mulheres, tendo como objeto de estudo o filme *O Diabo Veste Prada*. Foi realizada uma pesquisa documental, tendo o filme como uma ferramenta simbólica - uma fonte de dados e um documento social - para refletir sobre as tensões entre emancipação e opressão no cotidiano feminino contemporâneo. A partir da trajetória da protagonista Andrea Sachs e de antagonista Miranda Priestly buscou-se compreender como a sobrecarga de tarefas profissionais, domésticas e relacionais afeta a qualidade de vida feminina. O estudo articulou referências da sociologia do trabalho, psicologia organizacional e estudos de gênero, além de dados empíricos recentes sobre o mercado de trabalho brasileiro. A análise evidenciou que a chamada "carga mental", somada às jornadas múltiplas que recaem majoritariamente sobre as mulheres, constitui um fator relevante de esgotamento, insatisfação e perda de autonomia. Os resultados ilustram como a perpetuação de papéis sociais naturalizados e a falta de políticas públicas efetivas colaboraram para a invisibilização dessa sobrecarga, mesmo entre mulheres em contextos profissionais de prestígio.

Palavras-chave: terceira jornada; mulheres no trabalho; desigualdade de gênero; o diabo veste Prada.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the impacts of the third work shift on women's physical and emotional health, using the film *The Devil Wears Prada* as the object of study. Documentary research was conducted, using the film as a symbolic tool - a source of data and a social document - to reflect on the tensions between emancipation and oppression in contemporary women's daily lives. Based on the stories of the protagonist Andrea Sachs and the antagonist Miranda Priestly, the study sought to understand how the overload of professional, domestic and relational tasks affects women's quality of life. The study combined references from the sociology of work, organizational psychology and gender studies, as well as recent empirical data on the Brazilian labor market. The analysis showed that the so-called "mental load", combined with the multiple shifts that fall mainly on women, constitutes a relevant factor of exhaustion, dissatisfaction and loss of autonomy. The results illustrate how the perpetuation of naturalized social roles and the lack of effective public policies contribute to the invisibility of this overload, even among women in prestigious professional contexts.

Keywords: third shift; women at work; gender inequality; the devil wears Prada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Estatísticas sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho
- Figura 2 Cena na qual Andrea é acordada às 06:15 da manhã (11'52 - 13'43)
- Figura 3 Cena 10 e a dificuldade de conciliar prioridades
- Figura 4 Cena 10 e a dificuldade de conciliar prioridades
- Figura 5 Cena 7 e o trabalho que invade o espaço privado
- Figura 6 Cena 4 e a terceirização do cuidado
- Figura 7 Cena 12 e o ônus da liderança feminina
- Quadro 1 Síntese da análise das cenas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa.....	11
1.2	Objetivos	12
1.2.1	Objetivo geral.....	12
1.2.2	Objetivos específicos.....	12
1.3	Estrutura do trabalho	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	As mulheres no mercado de trabalho: evolução, discriminação e sobrecarga invisível.....	14
2.1.1	A dupla jornada de trabalho: o cuidado, além da produção.....	20
2.2	A Tripla Jornada de Trabalho e Seus Impactos na Saúde da Mulher.....	22
3	MÉTODO	24
4	RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	27
4.1	Síntese do filme.....	27
4.2	Análise do filme.....	29
4.2.1	As tensões entre vida profissional, pessoal e emocional das personagens escolhidas.....	31
4.2.1.1	<i>Ambiente de pressão e invisibilidade do cuidado: o duplo peso enfrentado por mulheres (inclusive em funções de liderança).....</i>	31
4.2.1.2	<i>Cultura organizacional opressiva.....</i>	32
4.2.1.3	<i>Afirmiação identitária e ruptura simbólica com o patriarcado.....</i>	33
4.2.1.4	<i>O trabalho que rompe vínculos afetivos.....</i>	34
4.2.1.5	<i>A vigilância contínua do trabalho.....</i>	38
4.2.1.6	<i>O trabalho que invade o espaço privado.....</i>	38
4.2.2	<i>Os impactos psicológicos da terceira jornada na identidade e na autoimagem das mulheres.....</i>	40

4.2.2.1 <i>A terceirização do cuidado e a reprodução das desigualdades entre mulheres.....</i>	40
4.2.2.2 <i>Sucesso no trabalho associado ao declínio da vida pessoal.....</i>	42
4.2.2.3 <i>O ônus da liderança feminina.....</i>	43
4.2.2.4 <i>A desigualdade no julgamento de lideranças femininas.....</i>	44
5 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	47
ANEXO A - FICHA TÉCNICA DO FILME O DIABO VESTE PRADA.....	50

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a posição social, política e jurídica das mulheres esteve subordinada à dos homens. Essa desigualdade histórica se refletia não apenas nas leis e nos costumes, mas também na maneira como a sociedade estruturava a organização familiar. As mulheres eram frequentemente vistas como inferiores, incapazes e dependentes. Sua existência era validada apenas em associação à figura masculina, fosse ela o pai ou o marido, e seu papel era restrito ao ambiente doméstico, limitado ao cuidado dos filhos e à obediência ao homem (Resende, 2017).

No entanto, nas últimas décadas, a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho representou uma das transformações sociais mais profundas da contemporaneidade (Almeida; Silva; Diniz, 2021). Esse ingresso, embora simbolize avanços significativos em termos de autonomia e reconhecimento, também revelou um novo conjunto de desafios. Além das responsabilidades formais, há ainda uma carga invisível: o trabalho emocional, doméstico e relacional que não é remunerado nem formalmente reconhecido, mas que exige tempo, energia e disponibilidade constante. A ausência de reconhecimento desse esforço reforça sistemas de opressão interligados, que, como aponta Resende (2017, p. 12), "não podem ser compreendidos de maneira independente, pois cada um deles exerce uma influência constitutiva sobre os outros".

Essa terceira jornada invisível acarreta uma sobrecarga que contribui para um desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional, afetando diretamente a saúde mental das mulheres. Estudos apontam que elas são mais vulneráveis a quadros de ansiedade, estresse, depressão e *burnout*, causados pela pressão constante de conciliar carreira e responsabilidades domésticas, além do assédio moral ou sexual e da subvalorização no ambiente de trabalho (Antunes, 2019).

Assim, apesar das conquistas no âmbito profissional, as mulheres continuam enfrentando obstáculos estruturais que afetam sua qualidade de vida. A exigência de se manterem produtivas e impecáveis em todas as esferas gera um ciclo de exaustão física e emocional, frequentemente acompanhado por sentimentos de culpa e insuficiência (Antunes, 2019).

Neste contexto, este trabalho buscou discutir essas questões, se orientando pela seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorre o fenômeno da terceira jornada de trabalho e suas

implicações no esgotamento feminino? Para tanto, foi feita uma análise do filme *O Diabo Veste Prada* (2006), dirigido por David Frankel.

Por meio das personagens Andrea Sachs e Miranda Priestly, observou-se como as pressões intensas do ambiente corporativo e da vida privada expõem as armadilhas da sobrecarga invisível que recai sobre as mulheres, mesmo naquelas que ocupam posições de sucesso profissional. O filme se torna, assim, uma ferramenta simbólica - uma fonte de dados e um documento social - para refletir sobre as tensões entre emancipação e opressão no cotidiano feminino contemporâneo.

1.1 Justificativa

A família e o trabalho constituem os principais pilares de sustentação da vida em sociedade. No entanto, a construção histórica dos papéis de gênero tem delegado às mulheres a responsabilidade central pelo cuidado coletivo, ancorando-se em um modelo que naturaliza sua dedicação às tarefas domésticas, emocionais e organizacionais. Essas atividades, embora fundamentais para o funcionamento da vida cotidiana, seguem sendo desvalorizadas e invisibilizadas, compondo o que se convencionou chamar de segunda e terceira jornada de trabalho. Para além do esforço físico, essa sobrecarga envolve o planejamento da rotina familiar, o monitoramento de demandas e a gestão das relações afetivas — elementos que impõem uma carga mental intensa e contínua (Amaral; Vieira, 2009).

Nesse contexto, mesmo com o avanço da participação feminina no mercado de trabalho, a distribuição desigual das responsabilidades domésticas permanece, revelando a persistência de uma divisão sexual do trabalho profundamente enraizada. A mulher, portanto, ocupa um lugar de dupla e até tripla exigência: profissional, doméstica e emocional. Essa realidade tem gerado impactos diretos na saúde mental das mulheres, especialmente em contextos de vulnerabilidade, como o agravamento da sobrecarga durante a pandemia da Covid-19. Dados do Datafolha (2023) apontam que 27% das mulheres brasileiras já receberam diagnóstico de transtorno de ansiedade — quase o dobro da taxa entre homens —, e que mulheres jovens apresentam índices ainda mais alarmantes de ansiedade (55%), depressão (19%) e sensação de fracasso (18%).

Além das consequências emocionais, a sobrecarga feminina também tem impactos significativos na saúde física. Um estudo publicado na *Scientific Reports* mostra que trabalhar mais de 40 horas semanais está associado a um maior risco de desenvolvimento de câncer,

especialmente entre as mulheres. A pesquisa sugere que a combinação entre longas jornadas de trabalho e a carga invisível da terceira jornada — que inclui responsabilidades domésticas e cuidados familiares — pode contribuir para esse aumento do risco. Organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde e a Organização Internacional do Trabalho também alertam que jornadas superiores a 55 horas por semana elevam em até 35% o risco de Acidente Vascular Cerebral e em 17% o de doenças cardíacas (Exame, 2016).

A ausência de reconhecimento institucional e social desse trabalho invisível contribui para a perpetuação de um ciclo de desgaste psíquico e físico. A pressão para “dar conta de tudo” compromete a autoestima, o bem-estar e a saúde integral das mulheres, culminando, em muitos casos, em quadros clínicos como a síndrome de *burnout* e em adoecimentos mais graves. É nesse cenário que se insere a relevância deste trabalho: discutir as relações entre gênero, trabalho e saúde — tanto mental quanto física — é uma urgência contemporânea, sobretudo diante dos dados que revelam o impacto concreto da desigualdade estrutural sobre os corpos e mentes das mulheres (Antunes, 2020; Guedes *et al.*, 2023).

Justifica-se, portanto, a presente pesquisa, não apenas pela atualidade do tema, mas por sua importância em fomentar debates interdisciplinares que contribuam para a construção de ambientes sociais e organizacionais mais equitativos. Ao lançar luz sobre as consequências psíquicas da carga mental feminina. Esta pesquisa pode contribuir para gerar *insights* nesse debate sobre as desigualdades de gênero no mercado de trabalho e no ambiente familiar, bem como em relação à saúde mental da mulher.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o fenômeno da terceira jornada de trabalho e suas implicações no esgotamento feminino, por meio do filme *O Diabo Veste Prada*.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever a história do filme *O Diabo Veste Prada*.
- b) Investigar como o filme retrata as tensões entre vida profissional, pessoal e emocional das personagens escolhidas.
- c) Analisar os impactos psicológicos da terceira jornada na identidade e na

autoimagem das mulheres, a partir das experiências das personagens do filme.

1.3 Estrutura do trabalho

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em cinco capítulos. A Introdução apresenta um panorama da histórica desigualdade de gênero e sua permanência nas estruturas sociais contemporâneas. Aborda a sobrecarga enfrentada pelas mulheres, intensificada pela chamada terceira jornada — o trabalho invisível e não remunerado — e suas implicações na saúde mental. Em seguida, são apresentados a justificativa, os objetivos geral e específicos, bem como esta seção da estrutura do Trabalho.

O Referencial Teórico reúne uma revisão da literatura sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, abordando os principais marcos históricos, legais, sociais e educacionais. Apesar dos avanços conquistados, persistem desigualdades estruturais como a discriminação de gênero, a disparidade salarial e as barreiras à ascensão profissional — como o “teto de vidro”. O capítulo também aprofunda as discussões sobre a dupla e a tripla jornada de trabalho, evidenciando os impactos físicos, emocionais e mentais decorrentes do acúmulo de funções profissionais, domésticas e de cuidado, geralmente invisibilizadas e não remuneradas. Ressalta-se, por fim, a urgência de políticas públicas e transformações culturais que promovam uma divisão mais equitativa das responsabilidades entre os gêneros e valorizem o trabalho do cuidado.

O capítulo de Método descreve as estratégias metodológicas adotadas na pesquisa, caracterizada como um estudo de natureza básica, abordagem qualitativa e fins exploratórios e descritivos. A investigação foi conduzida por meio de revisão bibliográfica e análise documental do filme *O Diabo Veste Prada*, considerado uma fonte representativa para refletir sobre a terceira jornada de trabalho e seus efeitos no esgotamento feminino.

O capítulo dos Resultados e Análise dos Dados apresenta os principais achados, a partir da análise baseada na revisão da literatura, com o propósito de alcançar os objetivos propostos.

Por fim, as Considerações Finais traz uma síntese dos resultados alcançados, bem como sugestões para estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é feito um levantamento da literatura sobre as principais variáveis do estudo. Para o contexto desta pesquisa é relevante entender como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho e a relação de discriminação entre os gêneros no trabalho e na família. Também é destacado como o esforço para conciliar as demandas profissionais e as responsabilidades domésticas e de cuidado na família traz consequências emocionais e psicológicas para as mulheres, impactando sua saúde mental.

2.1 As mulheres no mercado de trabalho: evolução, discriminação e sobrecarga invisível

Com o início da Revolução Industrial na Inglaterra, e sua posterior expansão pela Europa e Estados Unidos, as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho fora do lar, principalmente as de classes mais baixas. As indústrias exigiam mão de obra barata, e as mulheres passaram a trabalhar em condições insalubres, recebendo salários muito menores que os homens. Embora exploradas, esse momento marcou o início de sua inserção no mundo do trabalho (Querino; Domingues; Luz, 2013).

No início do século XX, durante as Guerras Mundiais, os homens foram convocados para os campos de batalha, e a economia precisou continuar. As mulheres ocuparam seus postos nas fábricas, no comércio e em áreas técnicas, como transporte e produção de armamentos. Esse período foi importante para demonstrar que as mulheres eram capazes de exercer funções que antes lhes eram negadas. No entanto, com o fim das guerras, muitas foram pressionadas a retornar ao lar e reassumir o papel tradicional de dona de casa (Querino; Domingues; Luz, 2013).

A partir da década de 1960, com o fortalecimento dos movimentos feministas em diversas partes do mundo, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, a presença das mulheres no mercado de trabalho ganhou novo impulso. As reivindicações femininas deixaram de se concentrar apenas no direito ao voto, e passaram a englobar pautas mais amplas, como a igualdade salarial e acesso à educação superior. Esse período marcou uma mudança significativa na agenda política e social, levando muitos países a reverem suas legislações trabalhistas para incluir garantias específicas às mulheres, com o objetivo de reduzir desigualdades históricas e promover maior equidade nas relações de trabalho (Resende, 2017).

Nas décadas de 1970 e 1980, legislações como as que proibiam a discriminação de gênero na contratação foram implementadas em diversos países. Nos anos 90, apesar dos

avanços no ingresso das mulheres no mercado de trabalho, diversos desafios persistiram, dificultando sua plena inserção e ascensão profissional. Um dos principais obstáculos era a desigualdade salarial, com mulheres ganhando significativamente menos que os homens, mesmo quando exerciam funções semelhantes. Além disso, a segregação ocupacional ainda era evidente, pois muitas mulheres continuavam concentradas em setores considerados tradicionalmente femininos, como educação, saúde e serviços administrativos, que geralmente eram menos valorizados economicamente (Barsted, 2005).

No início do século XXI, a inserção da mulher no mercado de trabalho cresceu de forma expressiva em todo o mundo, acompanhando mudanças sociais, econômicas e tecnológicas. A ampliação do acesso à educação superior contribuiu para que mais mulheres se qualificassem e disputassem vagas em áreas antes dominadas por homens, como ciência, tecnologia, engenharia e matemática. O aumento da participação feminina em setores como saúde, educação e serviços fortaleceu a presença das mulheres na economia formal (Squillassi, 2024).

No Brasil, é possível destacar movimentos importantes que contribuíram para regulamentar questões próprias dessa luta por melhores condições para a mulher no mercado de trabalho. Ressalte-se a homologação do Decreto-Lei nº 5.452, em 1º de maio de 1943, instituindo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) na década de 1940. Este constituiu um marco importante ao buscar unificar e regulamentar os direitos dos trabalhadores, tanto homens quanto mulheres. O Decreto-Lei nasceu da necessidade de estabelecer garantias para empregados e empregadores, além de atender às reivindicações dos movimentos sindicais, refletindo a realidade social e econômica do país naquele período (Brasil, 1943).

A CLT reconheceu formalmente o direito das mulheres ao trabalho assalariado e assegurou garantias específicas às mulheres como: licença-maternidade; estabilidade no emprego durante a gravidez; intervalo para amamentação; proibição de trabalho em condições insalubres ou perigosas durante a gestação e lactação, entre outras (Brasil, 1943).

Contudo, apesar desses avanços, a CLT também refletia valores patriarcais da época e, em alguns casos, reforçava uma visão protecionista da mulher, vista como "mais frágil", o que limitava sua atuação em determinados setores e funções. Esse caráter protetivo foi sendo revisto com o tempo, à medida que a sociedade passou a exigir igualdade real de condições e oportunidades (Queiroz, 2025).

Outro marco central dos esforços do movimento feminista no Brasil foi a inclusão do princípio da igualdade de direitos na Constituição Federal de 1988. Tal conquista foi consolidada no artigo 5º, que estabelece a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Embora esse dispositivo possa, à primeira vista, parecer redundante, sua presença no

texto constitucional representou uma conquista histórica, ao assegurar juridicamente um direito que, até então, havia sido sistematicamente negligenciado. A formalização desse princípio tornou-se um alicerce para a promoção de políticas públicas e avanços legislativos voltados à equidade de gênero, assegurando-lhes autonomia jurídica e patrimonial (Brasil, 1988).

Contudo, ao estudar essas realidades é importante evidenciar quais mulheres estão sendo retratadas, até por que a luta pela inserção no mercado de trabalho e pela independência que um dia foi *slogan* do movimento feminista, não poderia ser reivindicada por todos, visto que essa já se dava, não por opção, mas como realidade para muitas. Um exemplo disso são as mulheres negras, que trabalham e são exploradas desde a época da escravidão e mulheres brancas de classe baixa, que precisam trabalhar para garantir o sustento de suas famílias (Resende, 2017).

Essas são questões que permanecem até hoje, como é possível observar nas estatísticas do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2021), apresentadas na Figura 1. O estudo compara os terceiros trimestres dos anos de 2019 e 2020.

Figura 1 - Estatísticas sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho



Fonte: DIEESE (2021, n.p.)

É importante registrar que, ainda que com uma expressiva progressão de direitos e uma maior escolarização e presença no mercado de trabalho, as mulheres continuam a enfrentar obstáculos para ocupar espaços de trabalho lidos como masculinos, em especial cargos de liderança. A pesquisa de Almeida, Silva e Diniz (2021) mostra que muitas mulheres são

forçadas a provar constantemente sua competência, em um cenário onde as oportunidades de promoção ainda são mais acessíveis aos homens. Um outro elemento que poderia explicar a permanência das desigualdade de gênero, sobretudo em grandes empresas é o fenômeno do "teto de vidro".

Esse fenômeno refere-se às barreiras invisíveis que dificultam ou impedem a ascensão das mulheres aos cargos mais elevados nas estruturas organizacionais, mesmo quando estas possuem formação, competência e experiência equivalentes ou superiores às de seus pares do sexo masculino. Trata-se de um mecanismo de discriminação sutil e estrutural, que, embora não esteja formalizado em normas institucionais, manifesta-se por meio de práticas culturais, sociais e corporativas que limitam o acesso das mulheres às posições de liderança (Proni; Proni, 2018).

E, mesmo aquelas que conseguem ingressar e se manter no ambiente corporativo, frequentemente enfrentam obstáculos que as impedem de alcançar os níveis hierárquicos superiores, tradicionalmente ocupados por homens. Esse contexto tem se configurado como um importante desafio para as políticas de gestão de pessoas nas grandes organizações, especialmente diante da crescente demanda por uma postura institucional socialmente responsável e comprometida com a equidade de gênero (Steil, 1997 *apud* Proni, 2018).

A participação das mulheres no mercado de trabalho, portanto, sempre foi atravessada por barreiras estruturais e culturais. Embora as mulheres tenham conquistado espaços em quase todas as profissões, ainda enfrentam desigualdades salariais, discriminação e dificuldades no acesso a cargos de liderança. Essa desigualdade não é apenas econômica, mas está profundamente enraizada em padrões patriarcais que ainda regem a divisão sexual do trabalho (Bruschini, 2007; Del Priore, 2001).

As teorias do mercado segmentado e da discriminação, apontam em estudos mais recentes que a segmentação horizontal e vertical nas empresas brasileiras permanece sendo um dos principais obstáculos à equidade de gênero. Além disso, as mulheres tendem a se concentrar em setores menos valorizados economicamente — como serviços assistenciais, educação e serviços domésticos — o que contribui para a manutenção de uma estrutura ocupacional desigual, mesmo com o aumento da formalização e escolarização (Leite, 2017).

[...] o combate à discriminação de gênero propiciado pela evolução da legislação trabalhista (e por ações fiscalizadoras ou educativas das instituições públicas do trabalho) é fundamental para valorizar a força de trabalho feminina, mas não tem sido capaz de eliminar as diferenças em termos de ascensão na carreira e de remuneração entre homens e mulheres, visto que as mulheres em cargos de chefia enfrentam alguns desafios tanto em sua vida

profissional quanto pessoal na perspectiva da desigualdade de gênero, pois as mulheres, além da quantidade de trabalho que têm que desempenhar, dentro da empresa, muitas vezes permanecem como cuidadoras principais dos seus lares, filhos e tarefas domésticas, ou seja, uma jornada de trabalho três vezes maior (trabalhadora, mãe e esposa) (Almeida; Silva; Diniz, 2021, p. 3, inserções dos autores).

Estudos mostram que, apesar da legislação trabalhista e dos avanços promovidos por movimentos feministas, muitas mulheres continuam em posições precarizadas, com baixa remuneração e escassas oportunidades de ascensão profissional. Outrossim, a cultura organizacional ainda carrega estímulos que associam o sucesso profissional feminino à masculinização de comportamentos, exigindo da mulher uma performance que apaga sua subjetividade. Não se trata apenas do apagamento das subjetividades, mas da contradição daquilo que é exigido. Enquanto se cobra uma postura feminina próxima a do masculino, julga-se aquela mulher que adota esse comportamento, tornando-a vítima de críticas associadas a sua postura. Esta passa a ser taxada de autoritária, grosseira, arrogante (Almeida; Silva; Diniz, 2021).

Pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2024) mostra que, embora a taxa de desocupação tenha diminuído no período de 2022 a 2023, as mulheres — sobretudo as negras — continuam sendo as mais afetadas pelo desemprego e subutilização. Isso demonstra que o avanço quantitativo da presença feminina no trabalho ainda não se traduziu em condições qualitativas de equidade.

Na Constituição Federal de 1988 estão assegurados direitos iguais para homens e mulheres, com especial ênfase na esfera laboral. Desde então, foram criadas políticas públicas para combater a discriminação e evitar que a força de trabalho feminina fosse propositalmente segregada ou desqualificada. Todavia, boa parte das mulheres permaneceu submetida a uma dupla jornada de trabalho - em razão de serem vistas socialmente como responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos e pessoas com deficiência. E, apesar das conquistas no plano legal e normativo, a discriminação de gênero continuou se manifestando de diferentes maneiras no Brasil (Hewlett; Rashid, 2011, apud Almeida; Silva; Diniz, p. 5).

Logo, é possível afirmar que existe um significativo espaço entre as proposições teóricas e práticas no que diz respeito aos processos de promoção da igualdade e/ou equidade de gênero, sobretudo quando ao passo que homens não precisam preocupar-se com a vida doméstica e dispõe da “liberdade” de ocupar-se apenas com suas funções remuneradas, as mulheres não dispõem desta mesma liberdade laboral e social, precisam ter suas preocupações

fragmentada entre as atividades remuneradas e domésticas, que com o acúmulo decorrem na apresentação de uma sobrecarga física e mental (Almeida; Silva, 2022).

Estudos mostram que, embora as mulheres estejam cada vez mais presentes em cargos técnicos e administrativos, enfrentam barreiras invisíveis à ascensão profissional. A remuneração média das mulheres em cargos de direção chega a ser 35% inferior à dos homens, evidenciando que o mérito e a qualificação não são os únicos fatores em jogo. Essas desigualdades são reforçadas por uma cultura organizacional que naturaliza a presença masculina em posições de poder, ao passo que associa às mulheres responsabilidades familiares e comportamentos considerados menos compatíveis com a liderança (Proni; Proni, 2018).

Como destacam Amaral e Vieira (2009, p. 1), a partir de suas leituras,

[...] é preciso esclarecer que as antigas condições de discriminação foram apenas atenuadas, uma vez o processo de promoção continua sendo mais lento para elas; o desemprego feminino cresce mais que o masculino e ainda existem desniveis salariais em relação aos homens ocupantes do mesmo cargo.

Ademais, há uma expectativa velada de que mulheres líderes devem renunciar a outras áreas da vida para manter a performance exigida (Amaral; Vieira, 2009). Essa imagem, como afirmam os autores, contribui para a manutenção de uma cultura empresarial que associa liderança feminina ao sacrifício pessoal — uma armadilha que fortalece o ciclo de esgotamento e perpetua a desigualdade de gênero. A cultura empresarial, bem como a social, estabelecem na figura da mulher uma carga também do gerenciamento de violências.

Ainda sobre a cultura organizacional, Almeida, Silva e Diniz (2022, p. 2, destaque dos autores), reflete sobre pesquisas de outros autores, inferindo que

[...] o ambiente organizacional é repleto de discriminação de gênero “pouco visíveis, nem sempre intencionais, e raramente reconhecidas e condenadas”. A discriminação tem sido detectada na distribuição de responsabilidades e promoções entre homens e mulheres, nas formas mais veladas e sutis, como comentários e piadas machistas, e nas ocorrências de assédio moral ou sexual.

Considerando os avanços e os obstáculos históricos enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, é imprescindível reconhecer que a inserção profissional feminina está frequentemente marcada por uma sobrecarga que ultrapassa o ambiente laboral. Essa realidade manifesta-se na necessidade de conciliar as responsabilidades do trabalho remunerado com as tarefas relacionadas ao cuidado e à gestão do espaço doméstico, configurando o fenômeno conhecido como dupla jornada de trabalho. Dessa forma, para compreender plenamente os

desafios da mulher no mercado de trabalho, é fundamental analisar essa dimensão que atravessa tanto a vida pessoal quanto a profissional.

2.1.1 A dupla jornada de trabalho: o cuidado, além da produção

A família e o trabalho são pilares centrais na organização da vida social e individual. A partir dessa perspectiva, observa-se que a construção social dos papéis atribuídos a homens e mulheres foi historicamente estruturada de maneira desigual, relegando às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelas atividades domésticas, frequentemente invisibilizadas e desvalorizadas (Santos; Casado, 2011).

Simone de Beauvoir (2016a), em sua obra clássica *O Segundo Sexo*, argumenta que a mulher foi, ao longo da história, definida como "o outro", ocupando uma posição de constante subordinação em relação ao homem, visto como sujeito universal e dominante. Para a autora, essa desigualdade não decorre de determinismos biológicos, mas de construções culturais e históricas que moldaram, e ainda moldam, os papéis de gênero.

Nesse contexto, enquanto os homens, tradicionalmente, foram liberados das obrigações domésticas para se dedicar exclusivamente ao trabalho remunerado, as mulheres passaram a dividir seu tempo e energia entre os espaços público e privado. Essa fragmentação das responsabilidades femininas, que envolve a articulação entre atividade profissional e tarefas de cuidado, resulta em sobrecarga física e mental, restringindo sua autonomia laboral e social (Beauvoir, 2016b).

Inclusive, as mulheres que não exercem atividade remunerada fora de casa, continuam sendo enquadradas como "donas de casa", o que contribui para a persistência de uma lógica que naturaliza o trabalho doméstico como inerente ao papel feminino e, por isso, não o reconhecem como trabalho em sentido pleno. Como observam Power *et al.* (1991 *apud* Martins; Ferreira; Costa, 2022), essa categorização impede que essas mulheres sejam incluídas nas estatísticas de desemprego, mascarando o impacto social e econômico de sua condição.

Logo, pode-se concluir que o conceito de dupla jornada de trabalho, nesse sentido, não se refere apenas ao acúmulo de atividades, mas expressa uma estrutura de desigualdade de gênero profundamente enraizada nas dinâmicas sociais. Trata-se da realidade enfrentada, sobretudo, por mulheres que, mesmo inseridas no mercado de trabalho, continuam a assumir a maior parte das responsabilidades relacionadas ao cuidado com filhos, idosos, doentes e com a manutenção da casa. Esse arranjo permanece amplamente desigual, mesmo diante de avanços legais e da ampliação da participação feminina nas esferas públicas.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, portanto, não foi acompanhada por uma redistribuição proporcional das tarefas domésticas. Ao contrário, muitas mulheres passaram a vivenciar uma sobreposição de jornadas, sem que houvesse políticas públicas eficazes que lhes dessem suporte, como creches acessíveis, incentivos à licença parental compartilhada ou programas de apoio ao cuidado (Martins; Ferreira; Costa, 2022).

A naturalização da figura feminina como cuidadora principal reforça um ideal de abnegação e serviço ao outro, legitimando práticas que, na prática, limitam o acesso das mulheres ao tempo livre, à qualificação profissional, ao lazer e até à saúde mental. Como apontam Hirata e Kergoat (2007) *apud* Martins et al. (2022), a desigualdade na distribuição do tempo é um dos elementos mais estruturantes das disparidades de gênero, embora frequentemente negligenciado nas análises convencionais.

Outro aspecto relevante é a terceirização do trabalho doméstico e de cuidado, muitas vezes realizada por outras mulheres — especialmente negras, periféricas e com menos escolaridade — o que revela uma cadeia de desigualdade interseccional que articula gênero, raça e classe. Conforme destaca Hirata (2002) *apud* Martins et al. (2022), mesmo quando remunerado, o trabalho do cuidado continua sendo economicamente e simbolicamente desvalorizado, perpetuando as hierarquias sociais que colocam determinadas mulheres a serviço de outras.

Portanto, a dupla jornada de trabalho não é apenas um desafio individual, mas um reflexo de uma estrutura social desigual que atribui às mulheres, de maneira quase exclusiva, o dever de cuidar. Para que a equidade de gênero se torne uma realidade concreta, é fundamental promover a corresponsabilidade entre homens e mulheres nas tarefas domésticas, bem como implementar políticas públicas voltadas à valorização do cuidado e à redução das desigualdades estruturais que afetam a vida das mulheres. Sem essa redistribuição efetiva de responsabilidades, os avanços no campo da igualdade de oportunidades permanecerão limitados, mantendo as mulheres no papel de sustentadoras simultâneas da vida produtiva e reprodutiva da sociedade (Martins; Ferreira; Costa, 2022).

A sobreposição entre o trabalho remunerado e as responsabilidades domésticas evidencia uma desigualdade estrutural que ainda impacta significativamente a vida das mulheres. Apesar dos avanços na inserção feminina no mercado de trabalho, a ausência de uma divisão justa das tarefas de cuidado mantém uma sobrecarga física e emocional que compromete sua autonomia. Essa sobrecarga, no entanto, vai além do tempo e do esforço físico: alcança também a esfera da carga mental — uma dimensão menos visível, porém igualmente exaustiva, relacionada ao planejamento, à organização e à antecipação constante das demandas

familiares. Esse aspecto, muitas vezes negligenciado, merece atenção específica na discussão que se desenvolve a partir deste ponto.

2.2 A Tripla Jornada de Trabalho e Seus Impactos na Saúde da Mulher

Nas últimas décadas, a participação feminina no mercado de trabalho avançou de maneira significativa, constituindo uma importante conquista social. No entanto, essa inserção não foi acompanhada por transformações equivalentes na divisão das tarefas domésticas e dos cuidados familiares. Nesse contexto, consolidou-se a chamada tripla jornada de trabalho da mulher, composta pelo trabalho remunerado, as responsabilidades domésticas e familiares, e, em muitos casos, a dedicação à educação formal — fator determinante para sua permanência e ascensão no mundo do trabalho.

Para além da jornada remunerada e das obrigações domésticas visíveis, há uma terceira carga que incide sobre as mulheres: a carga mental. Esta é composta por atividades de planejamento, controle e gestão das responsabilidades familiares, muitas vezes imperceptíveis, mas indispensáveis para o funcionamento da vida cotidiana. Segundo o artigo “Por que as mães estão exaustas?” (Antunes, 2020), essa carga, embora invisível, exige esforço intelectual e emocional constantes, o que, somado às outras atividades, resulta em esgotamento, sensação de culpa e sobrecarga permanente. Como aponta Walzer (1996, *apud* Antunes, 2020), mesmo quando há divisão de tarefas, geralmente recai sobre a mulher o papel de pensar e delegar, perpetuando uma lógica de desigualdade de gênero no ambiente doméstico.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua pesquisa de 2022, confirma essa realidade: 92,1% das mulheres com 14 anos ou mais declararam realizar afazeres domésticos e/ou cuidar de pessoas, frente a 80,8% dos homens. Além disso, as mulheres dedicam, em média, 21,3 horas semanais a essas atividades, enquanto os homens dedicam 11,7 horas — uma diferença de 9,6 horas por semana (IBGE, 2023). Quando se consideram os tempos de trabalho remunerado e não remunerado juntos, observa-se que as mulheres trabalham mais do que os homens, mas ainda assim recebem, em média, apenas 78,9% da remuneração deles (Borges, 2024).

Essa sobrecarga não afeta apenas o tempo e a energia das mulheres, mas impacta diretamente sua saúde física e mental. Estudos como os de Guedes *et al.* (2023) demonstram que o acúmulo de responsabilidades está relacionado a quadros de estresse crônico, ansiedade, fadiga constante, depressão e desgaste emocional. O trabalho do cuidado, ainda que essencial para o bem-estar social, segue desvalorizado e, na maioria das vezes, não remunerado —

perpetuando sua invisibilidade. Além disso, esse modelo limita as possibilidades de ascensão e autonomia das mulheres, que precisam lidar com um cotidiano fragmentado e extenuante.

A ocorrência da dupla jornada de trabalho dentro da própria casa, onde as atividades femininas se dividem entre o trabalho remunerado e o trabalho doméstico, configura uma situação que, ao exigir constante divisão de atenção entre demandas de diferente natureza, condiciona constante necessidade de controle emocional e, consequentemente, elevada tensão emocional. Além de, em geral, o duplo desempenho também acarretar sobrecarga física (Seligmann-Silva, 2022, p. 322).

Esse tipo de sofrimento emerge quando as exigências do trabalho — remunerado ou não — ultrapassam os limites do corpo e da mente, e o contexto não permite adaptação ou reconhecimento. Assim, instala-se um processo de deterioração da saúde mental, agravado pela ausência de transformações estruturais no ambiente de trabalho e na divisão de responsabilidades na esfera privada (Seligmann-Silva, 2022).

A busca por qualificação profissional, por sua vez, adiciona uma nova dimensão à sobrecarga: a jornada educacional. Muitas mulheres que desejam crescer profissionalmente precisam estudar nos poucos horários disponíveis, geralmente à noite ou nos fins de semana, após o cumprimento das demais tarefas. A pesquisa de Amaral e Vieira (2009) evidencia esse cenário ao mostrar que, apesar de utilizarem estratégias defensivas e criativas para lidar com a rotina, essas mulheres frequentemente vivenciam a sobrecarga de forma solitária e silenciosa, gerando sofrimento emocional e dificuldades em conciliar os múltiplos papéis sociais que desempenham.

Assim, é possível inferir que esse acúmulo de funções e responsabilidades, marcado por desigualdades históricas e culturais, revela um modelo estrutural de opressão de gênero. A sociedade, ao não reconhecer o trabalho doméstico e de cuidado como parte do sistema produtivo, invisibiliza o esforço das mulheres e dificulta a construção de políticas públicas que garantam apoio e redistribuição dessas tarefas. Portanto, refletir sobre a tripla jornada da mulher é fundamental para compreender os desafios que ainda persistem na construção da equidade de gênero e para promover ações que valorizem o cuidado, redistribuam responsabilidades e priorizem a saúde integral da mulher.

Concluído o levantamento da literatura sobre as principais variáveis deste estudo, o próximo capítulo detalha os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

3 MÉTODO

Este capítulo detalha os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa com propósito de alcançar o objetivo geral: Analisar, por meio do filme *O Diabo Veste Prada* (Anexo A), o fenômeno da terceira jornada de trabalho e suas implicações no esgotamento feminino.

Quanto à natureza, esse estudo pode ser classificado como uma pesquisa básica, ou seja, o seu objetivo é ampliar o conhecimento sobre a temática principal, sem a intenção de direcioná-la à solução de um problema prático específico ou propor intervenções diretas (Gil, 2022). A intenção é refletir teoricamente sobre questões sociais, de gênero e trabalho.

Quanto à abordagem adotada, esta é uma pesquisa qualitativa. O estudo qualitativo busca descrever e interpretar fenômenos e/ou experiências vividas, sem envolver dados numéricos e ferramentas quantitativas (Gil, 2022). A pesquisa se propõe a interpretar e compreender fenômenos sociais (papéis de gênero, trabalho feminino, sobrecarga de trabalho) a partir de representações em uma obra cinematográfica.

Esta pesquisa, quanto aos fins, se classifica como exploratória e descritiva. O estudo exploratório busca trazer maior familiaridade e delimitação ao tema que está sendo analisado, contribuindo para trazer uma nova visão sobre o fenômeno. O estudo descritivo, por sua vez, busca descrever as características desse fenômeno estudado (Gil, 2022). A pesquisa, portanto, busca compreender como o filme representa a jornada de trabalho feminina e seus impactos, ao mesmo tempo em que descreve comportamentos, relações e dilemas das personagens no contexto da conciliação entre vida pessoal e trabalho.

Quantos aos meios foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo o desenvolvimento do referencial teórico, que está é realizada a partir da leitura de publicações científicas (livro, teses, dissertações, etc.). Já a pesquisa documental, está baseada em qualquer tipo de documento elaborado com finalidades diversas, como: registros institucionais, boletins, jornais, documentos iconográficos, como fotografias, imagens e filmes.

Para este estudo a pesquisa documental se deu exclusivamente em relação ao filme *O Diabo Veste Prada* (*O Diabo Veste Prada*, 2006) como um documento social. “As fotografias, os filmes e as filmagens são cada vez mais utilizados como formas genuínas e como fontes de dados (...) quanto como instrumentos de conhecimento”, destaca Flick (2008, p. 219).

O autor destaca ainda que “A televisão e os filmes têm uma influência cada vez maior na vida cotidiana e, portanto, a pesquisa qualitativa utiliza-os para ser capaz de dar conta da

construção social da realidade” (Flick, 2008, p. 224).

A escolha deste filme se justifica por ser um ótimo ponto de partida para debater o tema de forma acessível e profunda. O Diabo Veste Prada é uma metáfora poderosa da realidade de muitas mulheres que, mesmo sem filhos ou obrigações domésticas explícitas, vivem uma terceira jornada de exigências emocionais e simbólicas. Pode-se afirmar, portanto, que o filme pode levar a reflexões sociais, sobre experiências sociais, como esclarece Flick (2009). Como abordado no Referencial Teórico, essa jornada, somada às outras, leva ao esgotamento físico, emocional e psicológico (Lopes, 2006)

A matéria intitulada *In The Devil Wears Prada, It's Not Couture, It's Business (With Accessories¹)*, escrita por Ginia Bellafante (2006) no jornal The New York Times, oferece uma análise crítica do filme O Diabo Veste Prada. Em um de seus comentários, a autora sugere que o longa funciona como uma parábola sobre o ambiente de trabalho moderno, onde a dedicação extrema e a conformidade com padrões estabelecidos são frequentemente exigidas. Bellafante, que já atuou como repórter de grandes áreas da comunicação, destaca como o filme transcende o *glamour* superficial para revelar uma estrutura rígida e implacável, expondo as pressões e os sacrifícios necessários para alcançar o sucesso profissional no ambiente corporativo.

Andy está presa entre dois mundos — sua vida pessoal e a exigente, superficial e de alta pressão indústria da moda — e o filme explora o custo dessa tensão. Ela é transformada pelo trabalho, mas a que preço? O filme sugere que os sacrifícios necessários para ter sucesso nesse ambiente vão além de mudanças no guarda-roupa (Ebert, 2006, p.1).

Como sujeitos de análise, foram estudadas as personagens Andrea Sachs e Miranda Priestly (interpretadas por Anne Hathaway e Meryl Streep). Essas representam duas faces do fenômeno da terceira jornada de trabalho e suas implicações no esgotamento feminino.

Para a análise do filme, adotou-se, assim, uma lógica indutiva. “O método indutivo é aquele em que se utiliza indução, processo mental em que, partindo-se de dados particulares, devidamente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas” (Lopes, 2006, p. 172). Assim, o estudo partiu da observação específica (as personagens e o enredo do filme) para refletir sobre aspectos mais amplos da realidade social das mulheres no mercado de trabalho.

Na análise do filme foram adotadas as etapas sugeridas por Denzin (2004a *apud* Flick, 2008):

¹ Em O Diabo Veste Prada, não é alta costura, são negócios (com acessórios), em tradução livre.

- a) “assistir e sentir” - fazer anotações dos significados visíveis: impressões, questões e padrões significativos;
- b) anotar as cenas-chave alinhadas com a questão de pesquisa;
- c) microanálise de fragmentos do filme (cenas) que mostram conflitos, padrões etc.; e
- d) responder à questão de pesquisa, por meio da identificação de padrões.

A análise do filme, envolveu duas grandes categorias, definidas a partir dos objetivos específicos: as tensões entre vida profissional, pessoal e emocional das personagens escolhidas; e os impactos psicológicos da terceira jornada na identidade e na autoimagem das mulheres, a partir das experiências das personagens do filme.

As cenas das personagens que ilustram essas categorias foram identificadas e registradas no capítulo do Resultados e Análise dos Dados.

Com relação aos limites e limitações do estudo, podem ser citados a escolha de analisar o filme como estratégica única e não como parte de outros métodos; e o tempo, em função dos prazos acadêmicos a serem cumpridos, o que pode ter influenciado na profundidade das análises.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os principais resultados obtidos na análise do filme *O Diabo Veste Prada*, relacionando a experiência ficcional com dados reais e estudos recentes sobre desigualdade de gênero no trabalho apresentados no Referencial Teórico, com o propósito de alcançar os objetivos - geral e específicos - propostos.

4.1 Síntese do filme

Lançado em 2006 e dirigido por David Frankel, *O Diabo Veste Prada* é uma comédia dramática baseada no livro homônimo de Lauren Weisberger. O filme acompanha a trajetória de Andrea Sachs, uma jovem jornalista recém-formada que sonha em se tornar uma escritora renomada. No entanto, apesar de sua aversão ao mundo da moda, Andrea consegue um emprego como assistente de Miranda Priestly, a implacável e poderosa editora da prestigiada revista de moda *Runway*, em Nova York. Embora seu sonho seja escrever para um jornal, Andrea se vê imersa em um ambiente de trabalho completamente voltado para o universo da moda, onde as exigências de sua chefe são extremas e as expectativas, elevadas. O ambiente é altamente competitivo, opressor e imerso em uma cultura de perfeccionismo.

As personagens principais do enredo são: Andrea Sachs (interpretada por Anne Hathaway) e Miranda Priestly (interpretada por Meryl Streep). Além das protagonistas, destacam-se outros personagens importantes que ajudam a compor o universo da história, em ordem de relevância: Christian Thompson, jornalista influente que se envolve com a protagonista; Doug, amigo de Andrea; Emily Charlton, primeira assistente de Miranda; Irv Ravitz, executivo da editora Elias-Clark; Jacqueline Follet, diretora da *Runway* francesa; James Holt, estilista prestigiado; Lily, melhor amiga de Andrea; Nate, namorado de Andrea; e Nigel, diretor de arte da revista.

Logo nas primeiras cenas, a estética visual do filme encanta: roupas impecáveis, ambientes elegantes, personagens que desfilam confiança e estilo. Andrea, com seu olhar ainda ingênuo e sua postura inicial de resistência ao universo *fashion*, representa a perspectiva do espectador comum, que se vê, como ela, deslocado diante das regras implícitas e explícitas desse universo.

Miranda Priestly é a personificação do poder silencioso. Sua autoridade não depende de gritos ou ameaças diretas; ao contrário, ela exerce controle através de olhares incisivos, pausas calculadas e gestos mí nimos — estratégias que geram medo e obediência. Esse domínio

simbólico que Miranda exerce é especialmente significativo ao pensar o papel da mulher em ambientes de liderança: ela precisa ser impecável, inflexível, quase desumana para se manter no topo, algo que o filme evidencia de maneira crítica.

Ao longo da narrativa, torna-se cada vez mais visível o preço que se paga por esse tipo de “sucesso”. A vida pessoal das protagonistas é dilacerada por demandas profissionais que não conhecem limites, invadindo relações afetivas, familiares e até o senso de identidade. A transformação de Andrea, tanto em sua aparência quanto em sua postura, evidencia a tensão entre adaptar-se para sobreviver e perder-se no processo. A sensação de desconforto provocada no espectador não vem apenas da dureza do ambiente de trabalho, mas da constatação de que, muitas vezes, as mulheres precisam renunciar a si mesmas para se provar competentes em espaços ainda marcados por desigualdades e expectativas desumanas.

À medida que o filme avança, Andrea se vê confrontada com dilemas profundos, especialmente sobre como equilibrar sua vida pessoal e profissional. Sua dedicação excessiva ao trabalho começa a afetar negativamente seus relacionamentos, colocando em risco não apenas o namoro com Nate, mas também os laços com amigos e familiares. A pressão constante para agradar Miranda e se adaptar ao mundo da moda acaba transformando Andrea, que começa a questionar suas prioridades e o verdadeiro custo do sucesso.

Durante o filme, a personagem de Andrea passa por uma transformação marcante. Inicialmente, uma jovem que luta para se adaptar à alta pressão do trabalho, ela se torna progressivamente obcecada pela busca do reconhecimento de Miranda. Isso a leva a sacrificar sua identidade, seus relacionamentos e sua saúde emocional e física, criando uma distância crescente entre quem ela era e quem ela se torna.

Embora o filme se passe no universo da moda, ele explora de forma profunda as complexas dinâmicas de poder, ambição e identidade presentes no ambiente profissional, assim como as exigências desse meio e o impacto que elas têm na vida pessoal das protagonistas. A trama questiona as renúncias feitas em nome de uma carreira bem-sucedida, explorando temas como identidade, sacrifícios pessoais e o custo emocional da ambição. Miranda, por sua vez, aparece como uma figura ambígua: uma líder implacável e fria, mas também uma mulher que, ao tentar manter o controle absoluto sobre sua carreira e vida, acaba se distanciando das relações humanas. Sua personagem ilustra a pressão constante sobre mulheres em posições de poder, que enfrentam as mesmas expectativas de desempenho que seus subordinados, mas com o peso adicional de se manterem em uma posição de autoridade em um mundo majoritariamente masculino.

A trama, apesar de envolver o *glamour* e a estética *fashion*, expõe de forma crítica e

simbólica a sobrecarga de expectativas, sacrifícios e renúncias enfrentadas pelas mulheres no mundo corporativo. A constante pressão para "ter sucesso", associada à invisibilidade das demandas emocionais e pessoais, coloca as mulheres em um ciclo de desgaste físico e psicológico, levantando questões sobre o verdadeiro custo do sucesso profissional.

No fim, Andrea toma a decisão de dar um passo atrás e repensar sua trajetória, reconhecendo que o sucesso profissional, se alcançado às custas de sua felicidade e autenticidade, não é um preço que ela está disposta a pagar. O filme, com sua crítica velada ao mundo do trabalho e suas dinâmicas de gênero, sugere que, para as mulheres, os sacrifícios exigidos para "ter sucesso" frequentemente envolvem a negação de sua própria identidade e felicidade.

O Diabo Veste Prada, portanto, vai além de uma crítica ao mundo da moda. É uma reflexão sobre o que significa ser bem-sucedida em uma sociedade que impõe padrões estéticos, comportamentais e emocionais específicos às mulheres. Assistir ao filme é, mais do que acompanhar uma história, sentir suas camadas de opressão, fascínio e ambivalência — é ser confrontado com a realidade de que, muitas vezes, por trás de um salto alto e um vestido de grife, existe uma mulher exausta tentando manter-se de pé.

4.2 Análise do filme

Seguindo as etapas sugeridas por Denzin (2004a *apud* Flick, 2008), foram selecionadas 13 cenas que evidenciam a sobrecarga vivida pelas personagens femininas, especialmente nas interseções entre o trabalho, a vida doméstica e as relações afetivas. As cenas ilustram, de forma contundente, o acúmulo de responsabilidades, a pressão constante por desempenho e a exigência de perfeição em todas as esferas da vida.

Nesta seção, as cenas analisadas foram organizadas em diálogo com a questão de pesquisa - o esgotamento da mulher em decorrência da terceira jornada de trabalho - e os objetivos específicos (Quadro 1). Para fins de análise, as cenas foram numeradas de acordo com a sequência cronológica em que ocorrem no filme.

Quadro 1 - Síntese da análise das cenas

Categoria	Cena	Minutagem	Título analítico	Análise
AS TENSÕES ENTRE VIDA PROFISSIONAL, PESSOAL E EMOCIONAL	1	05'14" - 06'55"	Ambiente de pressão e invisibilidade do cuidado: o duplo peso enfrentado por mulheres (inclusive em funções de liderança)	Choque entre vida pessoal e ambiente de trabalho
	2	11'24" - 13'17"	Cultura organizacional opressiva	Invasão da rotina pessoal por demandas profissionais
	3	21'50" - 23'25"	Afirmação identitária e ruptura simbólica com o patriarcado	Mulher como sujeito pleno de autoridade
	5	27'21" - 30'32"	O trabalho que rompe vínculos afetivos	Abdicação do tempo em família em prol do trabalho
	6	38'16" - 40'18"	A vigilância contínua do trabalho	Incapacidade de desconexão do trabalho mesmo em momentos de lazer
	7	45'29" - 48'21"	A barreira da privacidade	O trabalho ultrapassando fronteiras físicas e emocionais
	10	58'49" - 106'43"	O trabalho que rompe vínculos afetivos	A dificuldade de conciliar prioridades
	11	115'25" - 117'22"	O trabalho que rompe vínculos afetivos	Renúncia à vida afetiva em função do trabalho
OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA TERCEIRA JORNADA NA IDENTIDADE E NA AUTOIMAGEM DAS MULHERES	4	25'43" - 26'40"	A terceirização do cuidado	Desigualdades de gênero, classe e o papel da assistente como cuidadora
	8	54'20" - 55'30"	A terceirização do cuidado	Crise de identidade diante do esvaziamento pessoal
	9	57'00" - 57'15"	Sucesso no trabalho associado ao declínio da vida pessoal	Perda de vínculos como resultado do desempenho esperado
	12	120'15"- 123'31"	O ônus da liderança feminina	Fragilidade emocional mesmo em posições de poder
	13	126'07" - 126'30"	A desigualdade no julgamento de lideranças femininas	Construção da autoimagem feminina em ambientes masculinizados

Fonte: a autora.

A escolha dessas cenas se justifica por sua capacidade de revelar a sobreposição entre os campos profissional e pessoal das personagens — com destaque para Andrea e Miranda — e os efeitos dessa dinâmica em suas emoções, vínculos e construção identitária.

Em diferentes momentos, é possível observar como as exigências do ambiente de trabalho ultrapassam os limites do expediente, invadindo os espaços privados e afetando diretamente a autonomia, a autoestima e o bem-estar das protagonistas. As imagens e diálogos selecionados, portanto, não apenas ilustram o tema, mas também aprofundam a reflexão sobre

a naturalização da sobrecarga feminina em um sistema que exige múltiplas performances simultâneas e ininterruptas.

4.2.1 As tensões entre vida profissional, pessoal e emocional das personagens escolhidas

Nesta seção foram destacadas oito cenas, detalhadas e analisadas a seguir.

4.2.1.1 *Ambiente de pressão e invisibilidade do cuidado: o duplo peso enfrentado por mulheres (inclusive em funções de liderança)*

Cena 1 - Chegada de Miranda Prisley ao escritório da revista Runway (04'36" - 07'20")

Emily, a primeira assistente de Miranda, recebe uma mensagem do motorista informando que Miranda está a caminho do prédio da *Runway*. Um de seus compromissos foi desmarcado, o que fez com que ela chegasse mais cedo do que o previsto. A notícia desencadeia um verdadeiro caos no escritório: os funcionários correm para garantir que tudo esteja impecável para recebê-la. A presença de Miranda impõe autoridade — as pessoas se afastam automaticamente de seu caminho, em um gesto que mistura respeito e temor.

Ao entrar na redação da revista, Miranda é recepcionada por Emily. Sem rodeios, questiona se a assistente teve dificuldades para confirmar os compromissos do dia. Emily garante que tudo foi devidamente confirmado, mas, ao tentar se justificar, é interrompida por Miranda, que declara não ter interesse em ouvir desculpas que apenas revelam incompetência. Imediatamente, Miranda começa a repassar uma lista de instruções e demandas, transmitidas de forma rápida, objetiva e carregada de exigências. Entre os compromissos mencionados, Miranda instrui Emily a lembrar seu ex-marido sobre a reunião de pais e mestres na escola das filhas — um detalhe aparentemente banal, mas que revela como, mesmo em meio a uma rotina profissional extremamente intensa, ainda recai sobre ela a responsabilidade pela organização da vida familiar. Responsabilidade essa que também envolve a secretaria da revista.

Apesar de ocupar um dos cargos mais altos e exigentes do setor editorial, Miranda continua a ser responsável por tarefas domésticas e parentais — responsabilidades que, culturalmente, seguem sendo atribuídas majoritariamente às mulheres. Esse momento evidencia a distância entre os discursos sobre igualdade de gênero e a realidade prática enfrentada por mulheres no mercado de trabalho. Enquanto muitos homens podem se dedicar exclusivamente às suas funções profissionais, as mulheres seguem dividindo sua atenção e energia entre a esfera profissional e as demandas afetivas e familiares, pois, como aponta

Walzer (1996, *apud* Antunes, 2020), mesmo quando há divisão de tarefas, geralmente recai sobre a mulher o papel de pensar e delegar, perpetuando uma lógica de desigualdade de gênero no ambiente doméstico.

Esse duplo encargo gera uma sobrecarga física e emocional significativa, escancarando a desigualdade estrutural que persiste mesmo em posições de poder. Como observam Almeida e Silva (2022), há um descompasso entre os ideais de equidade e as práticas cotidianas, nas quais as mulheres continuam sendo levadas a assumir múltiplas responsabilidades — sem que lhes seja concedida a mesma liberdade laboral e social que os homens frequentemente desfrutam.

4.2.1.2 Cultura organizacional opressiva

Cena 2 - Andrea é acordada às 06:15 da manhã (11'52 - 13'43)

Às 6h15 da manhã, o telefone de Andrea toca, despertando-a bruscamente. Do outro lado da linha, Emily, a primeira assistente de Miranda, informa que um dos compromissos da chefe foi alterado — e que, por isso, Andrea deve ir imediatamente ao escritório. Antes de desligar, Emily ainda reforça que, no caminho, Andrea deve comprar o café de Miranda, uma exigência carregada de instruções.

Desorientada e ainda sob o impacto do despertar abrupto, Andrea sai às pressas. No entanto, antes que consiga chegar, Miranda já está no escritório da *Runway*. Ao perceber a ausência de seu café, Miranda questiona secamente onde Andrea está, em um tom que mistura frieza, desprezo e sarcasmo.

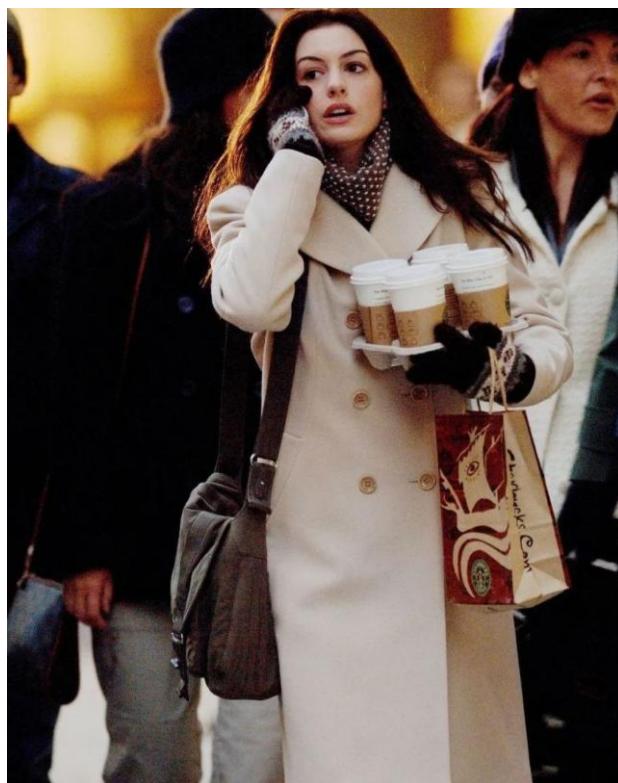
Andrea chega nesse exato momento e é recebida por Emily. A assistente aproveita a situação para comentar o quanto Miranda é exigente e como o trabalho naquela posição é exaustivo e exigente. Em um tom ao mesmo tempo instrutivo e tenso, Emily repassa rapidamente uma série de tarefas e orientações, destacando a importância de nunca deixar de atender o telefone. Como exemplo, menciona uma ex-funcionária que, ao ignorar uma ligação apenas uma única vez, foi demitida — o que comprometeu toda a sua carreira profissional.

Essa observação, mais do que um simples comentário, funciona como um aviso velado: naquele ambiente, qualquer deslize pode ser fatal. A cena evidencia uma cultura organizacional marcada por vigilância constante, cobrança extrema e a exigência de uma disponibilidade quase total.

Assim, a cena evidencia como a sobrecarga e o esgotamento se instalam silenciosamente em ambientes corporativos de alta pressão — principalmente para mulheres em posições

subordinadas — e como isso pode ser lido como uma manifestação precoce do processo de deterioração psíquica apontado por Seligmann-Silva (2022).

Figura 2 - Cena na qual Andrea é acordada às 06:15 da manhã (11'52 - 13'43)



Fonte: Pinterest²

4.2.1.3 Afirmação identitária e ruptura simbólica com o patriarcado

Cena 3 - Escritório de Miranda Priestly (15'00" - 15'12")

Andrea atende sua primeira ligação no escritório com certa hesitação, dizendo: “Alô? Escritório da Sra. Priestly. Isso mesmo, escritório da Miranda Priestly.” À primeira vista, a cena pode parecer trivial, mas carrega um significado simbólico importante. Em uma cultura como a norte-americana — onde, tradicionalmente, o sobrenome do pai ou do marido define a identidade familiar —, a forma como Miranda é apresentada destaca sua autonomia. Ela não é referida em associação a nenhum homem; sua identidade é construída e reconhecida exclusivamente por seu próprio nome e reputação.

O sobrenome "Priestly" não remete a uma figura masculina que a legitime — Miranda

² Disponível em: <https://pin.it/2tS4jRU8A>. Acesso em: 09 jun. 2025.

é o nome de poder, e isso reforça sua posição como mulher independente. Essa breve cena pode ser lida à luz das reflexões de Simone de Beauvoir (2016a), que, em *O Segundo Sexo*, argumenta que a mulher foi historicamente definida como “o outro” — uma figura secundária em relação ao homem, considerado o sujeito universal. Para Beauvoir, essa desigualdade não é natural, mas resultado de construções culturais e históricas que estabeleceram a subordinação feminina. Ao se destacar como uma mulher cuja identidade é auto afirmada, sem depender de vínculos com figuras masculinas, Miranda rompe simbolicamente com essa lógica patriarcal. Ela ocupa, por mérito próprio, o centro do poder — não como extensão de um homem, mas como sujeito pleno de autoridade.

4.2.1.4 *O trabalho que rompe vínculos afetivos*

Nesta seção serão destacadas três cenas, que ilustram a ruptura de vínculos afetivos.

Cena 5 - Abdicação do tempo em família em prol do trabalho (27'21" - 30'32")

Andrea recebe a visita do pai em Nova York e os dois vão jantar juntos em um restaurante, antes de assistirem ao musical *Chicago*, na Broadway. Durante o jantar, seu pai expressa preocupação com os rumos profissionais da filha, questionando se trabalhar como assistente em uma revista de moda representa, de fato, uma oportunidade. Ele menciona, inclusive, que tem recebido *e-mails* do escritório da *Runway* no meio da madrugada.

Andrea tenta se justificar, dizendo que o cargo é temporário e que ela precisa começar de algum lugar. Enxerga a experiência como uma chance de fazer contatos, acreditando que trabalhar com Miranda pode abrir portas para o futuro. No entanto, enquanto tenta convencer o pai de que essa escolha faz sentido, ela é abruptamente interrompida pelo toque do celular: é Miranda.

Ao atender a ligação, Andrea descobre que Miranda, que estava em Miami, teve seu voo de volta cancelado. Ela precisa urgentemente voltar para casa naquela noite, pois suas filhas têm um recital escolar importante na manhã seguinte. A partir desse momento, Andrea abandona o jantar e mergulha em uma verdadeira corrida contra o tempo, tentando de todas as formas encontrar uma solução — chega até a ligar para a guarda costeira. Ainda assim, Miranda acaba perdendo o recital.

Essa cena revela, em múltiplos níveis, as tensões impostas pela lógica do trabalho contemporâneo. Por um lado, evidencia a exigência de uma disponibilidade quase total por parte das mulheres, comprometendo seus vínculos familiares e afetivos — tanto para aquelas

em início de carreira, como Andrea, quanto para figuras consolidadas, como Miranda. Por outro, aprofunda a crítica à sobreposição entre vida profissional e pessoal, destacando como as mulheres são constantemente pressionadas a escolher entre o sucesso no trabalho e a presença afetiva. As múltiplas demandas do cotidiano, somadas à carga mental invisível, resultam em esgotamento, culpa e na sensação constante de insuficiência (Antunes, 2020), afetando diretamente sua saúde emocional, autonomia e qualidade de vida.

Cena 10 - A dificuldade de conciliar prioridades (58'49" - 106'43")

Emily, a primeira assistente de Miranda, está resfriada e, mais adiante, o filme sugere que sua imunidade pode estar comprometida em razão da dieta extremamente restritiva que adota — segundo ela mesma, passa longos períodos sem se alimentar e, quando sente que pode desmaiar, consome apenas um pedaço de queijo. Naquela noite, está previsto um importante evento benéfico, para o qual Emily foi inicialmente designada para acompanhar Miranda (Figura 3).

Figura 3 - Cena 10 e a dificuldade de conciliar prioridades



Fonte: Cosmopolitan³

Emily informa a Andrea que a equipe foi dispensada mais cedo para se preparar para o

³ Disponível em: <https://www.cosmopolitan.com/style-beauty/fashion/news/g5870/the-devil-wears-prada-outfits/>. Acesso em 09 jun. 2025.

evento e comenta que, após concluir suas tarefas, poderá ir para casa. Andrea, por sua vez, comemora, pois, coincidentemente, é aniversário de seu namorado, Nate. Ela se organiza para deixar o escritório, mas, antes mesmo de sair do prédio da *Runway*, recebe uma ligação: devido ao estado de saúde de Emily, Miranda considera arriscado comparecer ao evento com apenas uma assistente debilitada. Dessa forma, Andrea é convocada a acompanhá-las também.

Andrea entra em contato com sua melhor amiga, Lily, pedindo que inicie a comemoração do aniversário de Nate mesmo sem a sua presença, pois chegará atrasada. Ela explica que houve uma mudança inesperada em seus compromissos profissionais, o que reforça o dilema recorrente entre sua vida pessoal e as crescentes exigências do trabalho na revista.

O evento benéfico é um sucesso, marcado pela presença de figuras influentes e diversas oportunidades de networking. No entanto, Andrea se mostra ansiosa para ir embora, evidenciando que, naquele momento, sua prioridade ainda é preservar seus vínculos pessoais. Quando finalmente está prestes a sair, reencontra Christian Thompson, o jornalista, que menciona ter lido alguns de seus textos e elogia sua qualidade. Ele sugere que, caso Andrea permaneça na festa, poderá apresentá-la a pessoas influentes do meio editorial, insinuando uma possível oportunidade profissional. Andrea, embora tentada, opta por deixar o evento e ir ao encontro de Nate (Figura 4).

Figura 4 - Cena 10 e a dificuldade de conciliar prioridades



Fonte: Pinterest⁴

Ao chegar em casa, porém, Andrea encontra o apartamento vazio. A comemoração já terminou, e Nate está sozinho, visivelmente decepcionado por ela não ter compartilhado aquele momento ao seu lado. Andrea tenta iniciar uma conversa e, mais uma vez, justificar sua

⁴ Disponível em: <https://pin.it/1sSuhTFyE>. Acesso em: 09 jun. 2025.

ausência, mas Nate encerra o diálogo e se retira, demonstrando seu descontentamento. Nessa cena, o figurino de gala que Andrea ainda veste — elegante e sofisticado — contrasta de forma marcante com a solidão e a culpa estampadas em seu rosto, evidenciando o conflito entre a aparência de sucesso e a perda de conexões pessoais significativas.

Cena 11 - A virada profissional e o fim de um ciclo pessoal (115'25" - 117'22")

Andrea começa a conquistar a confiança e admiração de Miranda, que decide designá-la como assistente responsável por acompanhá-la à Semana de Moda em Paris, evento de grande prestígio e relevância no mundo da moda. Apesar de Andrea estar ciente do desejo de Emily em participar da viagem — para a qual vinha se preparando há muito tempo —, Miranda considera que ela não é a assistente mais adequada para essa tarefa. A exigência de Miranda gera um conflito direto entre as duas colegas. Essa decisão simboliza, ainda, a transição de Andrea para um novo patamar em sua trajetória profissional.

Quando Nate descobre que Andrea foi escolhida para acompanhar Miranda à viagem, ele a confronta, demonstrando surpresa e decepção. Nate recorda que esse sempre foi o grande sonho de Emily, colega de trabalho de Andrea, e questiona a decisão da namorada de aceitar a oportunidade, mesmo sabendo que isso significaria tomar o lugar de outra pessoa. Ele passa a questionar sua moralidade, afirmando não reconhecer mais a mulher que ela está se tornando.

A cena explicita o desgaste do relacionamento entre Andrea e Nate, ao mesmo tempo em que reforça o conflito central vivenciado pela protagonista: a difícil conciliação entre o crescimento profissional e a preservação de seus vínculos pessoais. Diante das diferenças cada vez mais evidentes, os dois decidem romper o relacionamento. A discussão entre os dois é interrompida por uma ligação de Miranda. Nate conclui, com ironia: “Caso pense a respeito, as ligações que sempre atende são da pessoa com quem tem um relacionamento. Espero que as duas sejam muito felizes juntas.”

As cenas retratam, de maneira incisiva, os efeitos da sobrecarga e da lógica da tripla jornada enfrentada por muitas mulheres na contemporaneidade, conforme discutido por Amaral e Vieira (2009). A trajetória de Andrea evidencia como as exigências extremas do trabalho, aliadas à pressão por manter vínculos afetivos e investir na própria qualificação profissional, impõem um esforço constante de conciliação entre esferas que frequentemente entram em conflito. Esse dilema revela a tensão cotidiana enfrentada por tantas mulheres que, ao tentarem equilibrar múltiplos papéis sociais, acabam recorrendo a estratégias de sobrevivência nos poucos intervalos de tempo disponíveis — muitas vezes, em horários residuais e à custa da própria saúde física e emocional. A experiência de Andrea ecoa o que Amaral e Vieira

descrevem como uma sobrecarga vivida de forma silenciosa e solitária, sustentada por um modelo estrutural de desigualdade de gênero que permanece naturalizado.

4.2.1.5 A vigilância contínua do trabalho

Cena 6 - Sempre alerta ao trabalho. (38'16" - 40'18")

Em uma tentativa de preservar algum respiro de normalidade, Andrea se reúne com o namorado, Nate, e os amigos Lily e Doug em um bar para um momento de descontração. Ela leva presentes aos amigos — itens de luxo enviados para Miranda, que, por desinteresse ou excesso, repassa sem hesitar. As peças, de marcas renomadas e valores altíssimos, despertam entusiasmo no grupo, gerando um clima momentâneo de euforia e fascínio por aquele universo glamouroso ao qual Andrea agora tem acesso.

No entanto, o clima de descontração é abruptamente interrompido quando o celular de Andrea toca — é Miranda. Em tom de brincadeira, Nate pega o telefone antes que ela consiga atender, passando o aparelho de mão em mão entre os amigos, em meio a risos e piadas. Para eles, trata-se apenas de uma brincadeira inocente. Para Andrea, porém, a situação é desesperadora: ela entra em pânico, tentando recuperar o celular o mais rápido possível, temendo que qualquer sinal de informalidade seja interpretado por Miranda como desleixo ou falta de comprometimento.

Ao finalmente conseguir atender, Andrea fala com Miranda, atende à demanda com agilidade e, ao desligar, explode: acusa os amigos de serem imaturos e deixa o bar imediatamente para cumprir mais uma obrigação de trabalho.

Fica claro a sobrecarga enfrentada por mulheres no mercado de trabalho e a expectativa velada de que, para serem reconhecidas, devem renunciar à vida pessoal. Como afirmam Amaral e Vieira (2009), a liderança feminina ainda é frequentemente associada ao sacrifício individual, alimentando uma lógica perversa que reforça a desigualdade de gênero. A reação de Andrea — marcada pelo desespero e pela urgência — evidencia o peso simbólico dessa exigência: estar sempre disponível, sem margem para falhas ou desvios da performance esperada.

4.2.1.6 O trabalho que invade o espaço privado

Cena 7 - A barreira da privacidade (45'29" - 48'21")

Em mais uma de suas atribuições como assistente, Andrea recebe a responsabilidade de

entregar uma prévia da próxima edição da *Runway* diretamente na casa de Miranda. Emily, a primeira assistente, enfatiza com firmeza que é vital seguir todas as instruções exatamente como foram repassadas, alertando que qualquer erro pode ter consequências graves. A tarefa carrega um peso simbólico: trata-se de adentrar o espaço mais íntimo de Miranda, onde poucos têm acesso.

Ao chegar à casa da chefe, Andrea se depara com dificuldades. As instruções de Emily são confusas, repletas de referências pouco claras e descrições vagas, o que torna a entrega mais tensa. Subitamente, uma voz infantil ressoa de dentro da casa: “É a porta à esquerda.” Uma das filhas gêmeas de Miranda fala do topo da escada. Andrea segue a orientação, encontra o armário e guarda os casacos recém retirados da lavanderia.

Com essa parte cumprida, resta agora descobrir onde deve deixar a prévia da revista — tarefa que se revela ainda mais complicada diante das instruções genéricas. Com o tom travesso de quem conhece bem o temor que sua mãe inspira, as meninas respondem com naturalidade: “Pode trazer o livro aqui em cima. A Emily sempre traz.” Andrea hesita, mas acaba sendo convencida.

Ao subir as escadas Andrea se depara com Miranda em meio a uma discussão com o marido. Ele a acusa de ausência, de priorizar o trabalho acima de tudo. De repente, o casal percebe a presença de Andrea. O silêncio que se segue é constrangedor. Seu olhar encontra o de Andrea — e nele há algo diferente: não apenas irritação, mas também constrangimento, um sentimento de violação. Pela primeira vez, alguém a viu fora de sua armadura, exposta, frágil.

Conforme Amaral e Vieira (2011) apontam, as mulheres, especialmente aquelas que ocupam posições de destaque, vivem uma tensão constante entre os papéis profissionais e privados, além de serem cobradas a renunciar a espaços pessoais para manter a performance exigida

Figura 5 - Cena 7 e o trabalho que invade o espaço privado



Fonte: Pinterest⁵

Encerrada a análise das cenas que ilustram as tensões entre vida profissional, pessoal e emocional das personagens escolhidas, as próximas cenas retratam os impactos psicológicos da terceira jornada feminina.

4.2.2 Os impactos psicológicos da terceira jornada na identidade e na autoimagem das mulheres

Nesta seção foram destacadas cinco cenas, detalhadas e analisadas a seguir.

4.2.2.1 *A terceirização do cuidado e a reprodução das desigualdades entre mulheres*

Cena 4 - A terceirização do cuidado (25'43" - 26-40)

Após Andrea demonstrar certo desdém em relação ao universo da moda — um campo que Miranda Priestly leva profundamente a sério —, a editora-chefe passa a testar os limites da nova assistente. O filme então apresenta, em sequência, diversos *takes* de Miranda chegando ao escritório em dias distintos, sempre entregando a Andrea uma enxurrada de tarefas — tanto profissionais quanto pessoais. As demandas vão desde organizar compromissos e entregar materiais com prazos apertadíssimos até questões íntimas, como resolver detalhes familiares.

⁵ Disponível em: <https://pin.it/4GXlPyTum>. Acesso em: 09 jun. 2025.

Miranda exige de Andrea total disponibilidade, atenção aos mínimos detalhes e desempenho impecável, como forma de avaliar se ela é realmente capaz de sobreviver naquele ambiente de alta exigência. Essa sequência evidencia não apenas o rigor da dinâmica de trabalho na Runway, mas também a forma como as lideranças femininas são, muitas vezes, forçadas a adotar posturas inflexíveis para manter sua autoridade. Registre-se que o sucesso de uma mulher (Miranda) depende do trabalho invisível de outra (Andrea). A lógica da desvalorização do cuidado também é reproduzida em ambientes de elite (Figura 6).

Observa-se, portanto, outro aspecto relevante é a maneira como parte das tarefas delegadas a Andrea se inscrevem na lógica do cuidado — historicamente associada ao trabalho doméstico e feminino. Embora Andrea não seja uma mulher negra, periférica ou de baixa escolaridade, sua posição como assistente a coloca, temporariamente, na base dessa cadeia de reprodução social, conforme destaca Hirata (2002) *apud* Martins *et al.* (2022). A lógica da desvalorização do cuidado também é reproduzida em ambientes de elite.

Figura 6 - Cena 4 e a terceirização do cuidado



Fonte: Cosmopolitan⁶

Cena 8 - Andrea opta pelo em seguir na Runway (54'20" - 55'30")

Após Andrea testemunhar um momento de vulnerabilidade de Miranda, a editora-chefe

⁶ Disponível em:<https://www.cosmopolitan.com/style-beauty/fashion/news/g5870/the-devil-wears-prada-outfits/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

sente a necessidade de reafirmar sua imagem de autoridade e controle. Para isso, impõe a Andrea uma série de tarefas com prazos extremamente curtos. Sob a pressão de múltiplas demandas simultâneas, Andrea se vê no limite. Em um momento de exaustão e frustração, liga para seu namorado, Nate, e desabafa que não conseguirá dar conta do trabalho, temendo que Miranda a demita. Para poupar tempo, considera pedir demissão. A reação de Nate é imediata: ele celebra a ideia.

Entretanto, em meio a essa crise, Andrea se lembra de Christian Thompson, um influente jornalista que conheceu em um evento profissional organizado por Miranda. Desesperada, ela busca a ajuda de Christian, que, utilizando suas conexões, consegue oferecer suporte a Andrea. Nesse momento, ela percebe que, apesar dos desafios, aquele ambiente de trabalho proporciona oportunidades valiosas de contato com figuras importantes do mercado, abrindo novos caminhos para sua carreira.

Mais tarde, naquela mesma noite, Nate chega em casa e encontra Andrea realizando as tarefas escolares das filhas gêmeas de Miranda. Confuso, ele não entende por que alguém que supostamente pediu demissão ainda está se dedicando a responsabilidades que não fazem parte de sua função. Andrea explica que, apesar do colapso emocional, não formalizou o pedido de demissão — foi apenas um momento de crise resultante das pressões do cargo. Nate, no entanto, não comprehende por que Andrea continua vivendo essa situação.

Mesmo fora do expediente, no conforto de casa, Andrea se vê realizando tarefas que, na prática, substituem as responsabilidades maternas. O papel de assistente ultrapassa os limites do trabalho e assume contornos de cuidado emocional e familiar. O ambiente doméstico, tradicionalmente associado ao descanso, é invadido pela presença simbólica — e exigente — de Miranda.

Como observa Hirata (2002) *apud* Martins *et al.*, (2022), mesmo quando remunerado, o trabalho do cuidado continua sendo simbólica e economicamente desvalorizado, recaiendo majoritariamente sobre mulheres e sendo frequentemente terceirizado para outras em posições sociais mais vulneráveis. Isso revela uma rede de desigualdades interseccionais que articula gênero, classe e raça, perpetuando a lógica de que determinadas mulheres trabalham para sustentar a autonomia e o sucesso de outras.

4.2.2.2 Sucesso no trabalho associado ao declínio da vida pessoal

Cena 9 - Sem vida pessoal (57'00" - 57'15)

Nigel está coordenando um ensaio fotográfico no Central Park quando Andrea chega

para retirar um material que ele preparou para Miranda. Superficialmente ele menciona as alterações que tomou a liberdade de fazer . Com um tom sarcástico, Andrea expressa seu deboche ao admirar a ousadia de Nigel em fazer alterações sem consultar Miranda previamente. Surpreso com a reação de Andrea, Nigel questiona seu comportamento. Ela então se desculpa, explicando que está enfrentando problemas pessoais e, por isso, tem estado um pouco ríspida com tudo ao seu redor. Nigel, demonstrando compreensão, responde: “Bem-vinda ao clube, isso acontece quando se está indo bem no trabalho. Só me avise quando sua vida pessoal virar fumaça, pois isso quer dizer que você será promovida”

A cena ilustra como a sobrecarga de responsabilidades profissionais e pessoais provoca estresse crônico e desgaste emocional, conforme apontado por Guedes *et al.* (2023), mostrando o impacto negativo na saúde mental e física das mulheres em ambientes de alta pressão.

4.2.2.3 O ônus da liderança feminina

Cena 12 - A queda da armadura (120'15"- 123'31")

Em Paris, após um longo dia de compromissos intensos durante a Semana de Moda, Andrea dirige-se ao quarto de Miranda no hotel. Ao entrar, encontra Miranda em uma postura totalmente diferente da sua habitual — vestindo um roupão simples, sem joias ou maquiagem, revelando uma versão mais vulnerável e despida da armadura que constantemente exibe para o mundo.

Miranda pede que Andrea reorganize os lugares dos convidados na mesa do evento do dia seguinte. Ao solicitar que Andrea realoque um dos convidados em sua mesa, Andrea informa que a mesa já está completamente lotada, não havendo mais espaço disponível. Nesse momento, Miranda compartilha que seu atual marido pediu o divórcio — sendo esse, o quinto. Com ironia, ela imagina as manchetes que certamente surgirão na imprensa, como “A dama de ferro, obcecada pela carreira” e “A rainha de gelo afasta outro marido”.

Por trás da frieza das palavras, fica clara a preocupação genuína de Miranda com suas filhas. Com pesar, ela comenta que a notícia será explorada pela mídia, temendo profundamente o impacto emocional que isso poderá causar às meninas.

Andrea, sensível à situação, sugere cancelar o evento, sem dar maiores explicações à imprensa, apenas para que Miranda possa ter um momento para cuidar de si mesma. Miranda, contudo, rejeita a ideia de forma rápida e categórica, considerando-a ridícula. Ela retoma imediatamente o controle da situação, reafirmando sua postura implacável diante dos desafios.

Quando Andrea questiona se tem algo mais que possa fazer, Miranda responde com

firmeza: “Seu trabalho. É só isso” neste momento fica claro que para Miranda o peso das responsabilidades profissionais permanece inabalável.

A cena ilustra a pressão para que mulheres líderes renunciem à vida pessoal para manter a performance no trabalho, reforçando a cultura que associa liderança feminina ao sacrifício pessoal. Isso perpetua o esgotamento e a desigualdade de gênero, evidenciando o fardo extra que as mulheres carregam, incluindo o gerenciamento de violências sociais e emocionais.

Figura 7 - Cena 12 e o ônus da liderança feminina



Fonte: Pinterest⁷

4.2.2.4 A desigualdade no julgamento de lideranças femininas

Cena 13 - A mulher sob julgamento (126'07" - 126'30")

Em Paris, Andrea aceita o convite de Christian Thompson para jantar. Durante a conversa no restaurante, Christian provoca Andrea, dizendo que ela deveria odiar Miranda, pois todos a consideram uma sádica notória. Andrea nega rapidamente qualquer ressentimento e explica que, embora discorde de algumas das atitudes duras de Miranda, comprehende seu jeito. Ela conclui: "Tudo bem, ela é difícil, mas se fosse um homem, todos a veriam como uma líder excepcional no que faz."

⁷ Disponível em: <https://pin.it/SCEjsfRPA>. Acesso em: 09 jun. 2025.

Conforme Almeida, Silva e Diniz (2021) apontam, mulheres são cobradas a se comportar de maneira “masculinizada” para ter sucesso, mas ao mesmo tempo são rotuladas negativamente por esses mesmos comportamentos, o que revela a contradição e a dificuldade de ascensão profissional feminina.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar os impactos da terceira jornada de trabalho na saúde física e emocional das mulheres, utilizando como objeto de estudo o filme *O Diabo Veste Prada* (2006). A partir dessa análise, buscou-se compreender como a sobrecarga de tarefas profissionais, domésticas e relacionais afeta a qualidade de vida e a construção da identidade feminina no contexto contemporâneo.

A contextualização da problemática revelou que, apesar dos avanços na inserção das mulheres no mercado de trabalho, persistem desigualdades estruturais que perpetuam a sobrecarga invisível, resultante da conciliação entre múltiplas jornadas. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa documental, tendo o filme como uma ferramenta simbólica — uma fonte de dados e um documento social — para refletir sobre as tensões entre emancipação e opressão no cotidiano feminino.

Após a análise do filme, foram destacadas cenas emblemáticas. A escolha dessas cenas considerou momentos em que as protagonistas expressam, de maneira direta ou simbólica, os efeitos da sobrecarga mental, emocional e física decorrentes das exigências profissionais e pessoais.

Os resultados da pesquisa mostram que, diante das tensões entre vida profissional, pessoal e emocional, as personagens vivenciam situações de conflito interno, instabilidade emocional e dificuldade em manter relações afetivas saudáveis. Observou-se que essas tensões são intensificadas pela pressão por excelência em todas as esferas da vida, o que reflete um padrão social ainda baseado em expectativas irreais sobre o papel feminino.

Com relação aos impactos psicológicos da terceira jornada na identidade e na autoimagem das mulheres, as experiências das personagens do filme confirmam a presença de sentimentos de culpa, insuficiência e esgotamento. Esses elementos evidenciam como o ideal de "mulher que dá conta de tudo" pode ser prejudicial, reforçando padrões de sofrimento silencioso e de autossacrifício.

Por fim, como sugestão para estudos futuros, recomenda-se a adoção de métodos complementares, como entrevistas e a análise de situações vivenciadas no contexto organizacional real, a fim de aprofundar a compreensão sobre os efeitos da terceira jornada e buscar alternativas para mitigar seus impactos. Também se sugere o desenvolvimento de propostas voltadas à implementação de políticas públicas mais eficazes no enfrentamento das desigualdades de gênero no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro Roberto Costa; SILVA, Rejane Félix Furtado da. DINIZ, Edilson Silva. **A desigualdade de gêneros nas empresas:** desafios e perspectivas. [S. l.]: IESF, 2021.

AMARAL, Grazielle Alves; VIEIRA, Adriane. A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser beija-flor. In: ENCONTRO DA Anpad, 33., 2009, São Paulo, **Anais** [...] São Paulo: ANPAD, 2009. Disponível em:
https://arquivo.anpad.org.br/diversos/down_zips/45/EOR324.pdf acesso em: 25 abr. 2025.

ANTUNES, Leda. Por que as mães estão exaustas? Entenda o impacto da carga mental na vida das mulheres. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/por-que-as-maes-estao-exaustas-entenda-impacto-da-carga-mental-na-vida-das-mulheres-23943719#:~:text=H%C3%A1%20um%20descompasso%20muito%20grande,explica%20a%20antrop%C3%B3loga%20Mirian%20Goldenber>

BARSTED, Leila Linhares. Gênero e Direitos Humanos. **Educação pública**, [S. l.], 31 dez. 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/genero-e-direitos-humanos#:~:text=Desde%20ent%C3%A3o%20esse%20movimento%20tem%20lutado%20pela,forma%20articulada%2C%20incluindo%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20redes>. Acesso em: 28 abr. 2025

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b

BELLAFANTE, Ginia. In ‘The Devil Wears Prada,’ It’s Not Couture, It’s Business (With Accessories). **The New York Times**, [S. l.], p. 1-1, 18 jun. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/06/18/movies/18bell.html>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BORGES, Stella. Mulheres ganham 79% da renda dos homens, mesmo estudando e trabalhando mais. **UOL - caderno cotidiano** , [S. l.], p. 1-1, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/03/08/estatisticas-de-genero-ibge-mulheres-trabalham-mais-ganham-menos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 31 maio 2025.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 27 maio 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** [S. l.], 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 maio 2025.

BRUSCHINI, MARIA C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

DA REDAÇÃO. Trabalhar demais aumenta risco de câncer. **Exame** , [S. l.], 29 jun. 2016.

Tecnologia, p. 1-1. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/trabalhar-demais-aumenta-risco-de-cancer/>. Acesso em: 31 maio 2025.

Débora Vargas Ferreira. Casais de Dupla Jornada: Diferenças entre Homens e Mulheres frente à Conciliação entre Trabalho e Família. **Revista Brasileira de Administração**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 123-145, out. 2024.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 52. ed. ampl. São Paulo: CortezOboré, 1992.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres:** as vozes do silêncio. Historigrafia brasileira em perspectiva. Tradução. São Paulo: Contexto, 2001.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Brasil: A inserção das mulheres no mercado de trabalho**. 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025. Acesso em: 1 jun. 2025.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes**. Boletim Especial – 8 de março de 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.html>. Acesso em: 31 maio 2025.

EBERT, Roger. Slave to fashion. **Rogerebert.com**, [S. l.], p. 1-1, 29 jun. 2006. Disponível em: https://www.rogerebert.com/reviews/the-devil-wears-prada-2006#google_vignette. Acesso em: 1 jun. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008. *E-book*.

GUEDES, Raquel da Silva; BEZERRA, Sabrina Rafael; SILVA, Fábio Ronaldo da. As mulheres e o trabalho do cuidado: sobrecarga, amor ou uma problemática invisível? **Revista Educação, História e Memória**, [S. l.], v. 14, n. 2, jul./dez. 2023.

GREGORI, Juciane de. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 87-106, jul./dez. 2017.

LEITE, Márcia de Paula. Gênero e trabalho no Brasil: os desafios da desigualdade. **Revista Ciências do Trabalho**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 144-162, jan./jun. 2017.

LOPES, Jorge. **O Fazer do Trabalho Científico em Ciências Sociais Aplicadas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MARTINS, Sabrina dos Santos Vidigal; FERREIRA, Victor Cláudio Paradela; COSTA,

LUDERMIR, Ana Bernarda. Inserção produtiva, gênero e saúde mental. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 647-659, jul.-set. 2000.

MENA, Fernanda; COLLUCCI, Cláudia. Mulheres e jovens têm mais ansiedade que média da população, aponta Datafolha. **Folha de São Paulo**, [S. l.], p. 1-1, 19 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/08/mulheres-e-jovens-tem-mais-ansiedade-que-media-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **Agência IBGE notícias**, [S. l.], p. 1-1, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 31 maio 2025.

O DIABO Veste Prada [The Devil Wears Prada]. Direção David Franklin. EUA: 20th Century Fox, 2006. 1 vídeo.

PRONI, Thaíssa Tamarindo da Rocha Weishaupt; PRONI, Marcelo Weishaupt. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 733-754, set./dez. 2016.

QUEIROZ, Regina de Almeida. A proteção do trabalho da mulher à luz da consolidação das leis do trabalho. **ACATS - Associação Cartaginense de Supermercados**, [S. l.], p. 1-1, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.acats.org.br/destaque/a-protecao-do-trabalho-da-mulher-a-luz-da-consolidacao-das-leis-do-trabalho-por-regina-queiroz/>. Acesso em: 21 maio 2025.

QUERINO, Luciane Cristina Santos *et al.* A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós**, [S. l.], 2013. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174519.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

RESENDE, Amanda Martinho. **Opressão de gênero**: a ausência de um olhar interseccional na busca de soluções jurídicas. 2017.1. Monografia (Bacharel em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro(PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

ANEXO A - FICHA TÉCNICA DO FILME O DIABO VESTE PRADA

Título original: *The Devil Wears Prada*

Título no Brasil: *O Diabo Veste Prada*

Gênero: Comédia dramática

Direção: David Frankel

Roteiro: Aline Brosh McKenna (baseado no livro de Lauren Weisberger)

Produção: Wendy Finerman, Kevin Misher

Música: Theodore Shapiro

Fotografia: Florian Ballhaus

Montagem: Mark Livolsi

Distribuição: 20th Century Fox

Duração: 109 minutos

Ano de lançamento: 2006

Classificação indicativa: 12 anos

Elenco:

Meryl Streep – Miranda Priestly

Anne Hathaway – Andrea Sachs

Emily Blunt – Emily Charlton

Stanley Tucci – Nigel

Simon Baker – Christian Thompson

Adrian Grenier – Nate

Tracie Thoms – Lily

David Marshall Grant – Irv Ravitz

Barbara Walters – Jacqueline Follet

Tracy T. Heggins – Doug

Sinopse:

O Diabo Veste Prada conta a história de Andrea Sachs (interpretada por Anne Hathaway), uma jovem jornalista que consegue um emprego como assistente da poderosa e exigente editora de moda Miranda Priestly (Meryl Streep) na revista *Runway*. Andrea, que não tem interesse por moda, acaba se vendo no centro de um mundo deslumbrante, mas também implacável, onde sua vida pessoal começa a ser deixada de lado em prol da carreira.

O filme aborda o conflito entre ambição profissional e valores pessoais, mostrando os desafios de equilibrar a vida pessoal e profissional em um ambiente de trabalho de alta pressão.

Prêmios e Indicações:

- Meryl Streep foi indicada ao **Oscar** de Melhor Atriz (2007) pela sua interpretação de Miranda Priestly.
- Anne Hathaway foi indicada ao **Globo de Ouro** de Melhor Atriz em Comédia ou Musical (2007).
- O filme também foi indicado a outros prêmios e teve grande sucesso de bilheteira.